



FORA DE MÃO

Mário Zambujal



Crónica do nosso correspondente no Céu

Santo António caminhava, pensativo e cabisbaixo, num dos luxuriantes jardins da Corte dos Céus. Vendo-o assim, um anjo, bondoso como todos os anjos, preocupou-se e interpelou-o:

«Que se passa, Santo António, que tão apreensivo pareces? Doente, por certo, não estás, pois os santos estão livres de enfermidades...»

Esboçou o santo um sorriso em que havia cansaço e tristeza.

«Na verdade, hoje não me sinto muito católico» — disse. E

vendo o espanto desenhar-se na face rósea do anjo, entendeu por necessário explicar: «Não, não estou doente. O que acontece é que cada vez é mais difícil ser prior na minha freguesia. Problemas, muitos problemas. Longe vão os tempos em que eu levava com uma perna às costas esta faina de ser santo casamenteiro. Agora...»

Inquietou-se o anjo, num alvoroço que o fez bater as asas e dar uma pequena volta em redor. «Agora? Agora o quê? Já

não apreciais essa bela missão de unir corpos e almas?»

«Começo a estar farto» — confessou Santo António. «Caso-os num dia, descasam-se no outro. O que dantes só acontecia com as estrelas de cinema, porque nove em cada dez estrelas preferiam o divórcio, ameaça agora estender-se à Humanidade inteira. A tal ponto que o Senhor me chamou um dia à Sua divina presença para que eu explicasse como era possível haver mais divórcios que casamentos. Tratava-se, naturalmente, de um erro. Uma especulação, uma campanha orquestrada por alguns órgãos de Informação. Reconheço, no entanto, que a situação é grave. Eu faço o que posso, lá os vou conduzindo ao altar, mas mal volto costas borram a pintura.»

Ficou o anjo silencioso por uns minutos, não se sabe quantos porque ali o tempo não pode medir-se: no Céu não há relógios, nem de ponto nem dos outros — se houvesse nem se a Céu. Passado algum tempo, digamos assim, perguntou o anjo: «Mas tu, Santo António, és contra o divórcio?»

Sorriu o santo e explicou:

«Eu não me meto nessas polémicas terrenas. O divórcio que me preocupa não é o das leis dos homens, mas a separação das almas que tinham jurado permanecer unidas. Alé é que bate o ponto!»

De novo sorriu, em seu sorriso de imensa bondade e paciência, ao despedir-se:

«Agora tenho de ir. Deus chamou-me, há qualquer problema que O desgosta e preocupa, e creio que, desta vez, não se trata de casamentos.»

De facto, o problema era outro.

«Santo António — disse Deus — tu que és de Lisboa, ou, pelo menos, por lá andaste, és capaz de me explicar o que se passa agora em Portugal? Nunca os católicos foram tão falados nem o Meu nome invocado assim...»

Santo António não estava bem a par. Mas algo havia já chegado aos seus santos ouvidos e de pronto respondeu à dúvida do Senhor:

«Há uma questão qualquer com São Bento.»

São Bento encontrava-se em gozo de férias, mas logo acorreu ao chamamento de Deus. E mesmo antes que lhe fosse per-

guntado fez a análise da situação:

«Outra vez os portugueses, não é? Na verdade, Senhor, eu não tenho nada com isso. Já disse que a minha casa em Lisboa está aberta a todos, todos são Vossos filhos e meus irmãos. Mas há quem diga, ou ande a insinuar, que Vós, e eu próprio, preferimos uns a outros...»

Manifestou-se então a temível cólera de Deus:

«E quem o ousa?! Quem se atreve a dizer, ou pensar, que só o general Eanes está acima dos partidos? Quem Me ofende assim, tentando envolver-Me nessas disputas partidárias? Ah, esses portugueses! Qualquer dia tiro-lhes o clima!...»

Santo António e São Bento levantaram os braços, intercedendo pelos portugueses:

«Piedade, Senhor! Não lhes tires o clima. É só o que têm...»

Como por milagre acalmou-se a ira de Deus e no Seu rosto perpassou um leve sorriso que tornou mais quente o Sol, e o Sol aqueceu a Terra, e já milhares de portugueses corriam para a Caparica, para a Figueira, para o Algarve.

«Vês, Senhor? Não lhe tires o

clima...» — insistiu Santo António.

A misericórdia de Deus é infinita:

«Assim seja. Mas afinal, com esse barulho que andam a fazer agora, o que é que eles querem?»

Informou São Bento que iam agora, justamente, decidir aquilo que queriam. E Deus disse:

«É mais que tempo. Há novecentos anos que andam a mandar-Me mensagens e preces, fingindo não perceber que os seus problemas terrenos têm de ser resolvidos por eles próprios. Ou estão à espera de milagres?»

«Eu, confesso, ainda não consegui fazer nenhum» — reconheceu São Bento, que caminhava à direita de Deus enquanto subiam uma suave colina do Paraíso. De súbito, o Senhor parou e inquiriu:

«É verdade: e quem governa, neste momento, lá em Portugal?»

«Maria de Lurdes Pintassilgo — comunicou de imediato São Bento, acrescentando: «Talvez Te surpreendas, Senhor, mas até há quem pretenda voltar os católicos contra o seu Governo!» Deus benzeu-se.